CAPÍTULO XIX – AMAR UM AO OUTRO COMO OS ANJOS AMAM

Dois anos depois, Sarah Thomas lecionava em uma escola não muito distante daquela em que Marozia havia trabalhado durante um período crítico de sua vida. O coração sofrido e reprimido de Sarah teve seu desejo atendido: ela pôde concluir seus estudos — antes interrompidos — sob a orientação particular de seu antigo professor, Ralph Remington. Ela voltara a viver, amparada por novas e inspiradoras influências; afinal, ela havia amado profundamente, e o amor absolve e salva. Sarah era extremamente reservada, envolta em uma melancolia suave que despertava profunda compaixão. Sua alma buscava a luz, e ela já havia dado vários passos em direção a um plano superior, pois, em sua humilde paciência, não culpava ninguém além de si mesma. Ela compreendia que existe um ponto em que a inteligência reconhece a sofística do mal — um momento em que a consciência recua, estremecida, ao recordar experiências passadas que foram verdadeiros purgatórios. Esse ponto, em sua trajetória de vida, surgiu quando ela desafiou a Voz e sentiu um triunfo em seu próprio desafio. A princípio, ela acreditava que seu amor servia como um contrapeso ao mal; contudo, percebeu então que, na verdade, não era o amor, mas sim o amor-próprio e a vaidade — forças profundas e, muitas vezes, imperceptíveis — que moviam e sustentavam todas aquelas crises.

A Sra. Morton havia ensinado a Sarah algumas daquelas verdades que residem no âmago de todas as coisas. Ela as transmitiu tal como transmitia qualquer verdade: à sua maneira, bela e indireta. Seu desejo era conduzir aquela alma, que havia se perdido, de volta — saindo do inferno de brilhos sinistros, atravessando o labirinto de uma noite sem esperança, onde luzes enganosas atraem para armadilhas e atoleiros — rumo ao alto, sempre ao alto, em direção à luminosidade, à beleza e à paz. Ela tinha a certeza de que, um dia — talvez mais cedo do que parecia possível agora —, Sarah estaria ali, com o rosto radiante, banhada por uma luz branca e tons de violeta. Ela reconhecia, naquele momento, um sinal no semblante de Sarah: uma humildade plena de

arrependimento. Poderia levar muito tempo — afinal, as almas não alcançam a perfeição em um único dia, nem mesmo no curso de uma vida inteira.

A Sra. Morton compreendeu que a maior parte da Onda de Vida humana encontra-se, por completo, sob uma nuvem. Suas fraquezas acumuladas — trazidas como herança de vidas passadas marcadas por erros —, seus ambientes deploráveis, suas faculdades não desenvolvidas e suas vidas distorcidas: tudo isso deve ser levado em conta na avaliação final. Todos ocupam seu devido lugar na trajetória ascendente da evolução.

Todos precisam passar por um determinado ponto em algum estágio de sua peregrinação — todos devem vivenciar a vida em cada etapa de seu progresso rumo às alturas distantes, onde os espíritos permanecem em luz perfeita.

Ultimamente, Tom Gregory vinha pensando mais em sua própria aparência e, com frequência, ficava rondando a escola na hora em que Sarah liberava os últimos alunos que haviam ficado de castigo. Sempre havia alguns pobres pestinhas nessa "lista negra", já que Sarah estava decidida a manter a disciplina. As sardas de Tom começaram a incomodá-lo, enquanto seus pés e mãos desajeitados insistiam, a todo momento, em encontrar os lugares mais inoportunos para seus movimentos desastrados. Em suma, eles estavam, decididamente, sempre no caminho. Ele também passou a sofrer com colarinhos rígidos e comprou uma ou duas gravatas prontas, de cores vibrantes, que combinavam com seu rosto tanto na tonalidade quanto na expansividade. Certo dia, ele se aventurou até a escola e, quando Sarah saiu sozinha, reuniu heroicamente toda a sua coragem, abordando-a com uma declaração de amor gaguejada, expressa na linguagem elegante típica de alguém como ele:

— "Olha, Sally... que tal a gente se casar?".

Ela conteve a vontade de sorrir, pois percebeu a sinceridade genuína por trás daquela rusticidade desajeitada. Olhou para ele com pena e pesar em seus olhos cinzentos e tristes, respondendo com a voz baixa e contida:

— “Não, Tom. Por favor, nunca mais me fale sobre isso! Eu jamais vou me casar.”

Ele pareceu profundamente desanimado.

— “Você está falando sério, Sally?”

— “Sim, estou, Tom — para sempre! Sinto muito, mas não pense mais em mim. Não vai adiantar nada.”

Ela o dispensou da maneira mais gentil possível e, no íntimo, suspirou pensando: “Pobre Tom... mesmo que eu pudesse nutrir algum sentimento por ele (o que é impossível), eu não lhe faria esse mal! Meu coração está morto, e seria um crime tirar proveito de um amor sincero. Eu jamais seria capaz de fazer isso!”

Naquela noite, uma nota em um jornal de Nova York chamou sua atenção. Dizia o seguinte: “Entre os suicídios ocorridos recentemente em Londres, está o de Claude Rathburn, que viveu nesta cidade. Ele era o único filho de Horace Rathburn — outrora um capitalista e empreendedor de destaque, hoje um paciente carente em um hospital público. O abandono pela esposa e dificuldades financeiras teriam levado ao ato desesperado. A esposa dele era, anteriormente, a Sra. Wallace, uma viúva rica de Baltimore.”

Logo após a crise que surgiu na vida de Marozia e Sarah dois anos antes, a Sra. Morton viu-se sozinha no mundo. O reitor havia cruzado as mãos sobre a obra de sua vida, deixada incompleta, enquanto ela retomava a sua própria trajetória a partir do ponto em que a havia interrompido, muitos anos antes.

Ela tornou-se professora no Instituto em Utica, onde Marozia passara seu último ano de estudos.

Os livros de Ralph Remington alcançaram grande popularidade, e a vida tornou-se plena de doçura para ele — a doçura de um trabalho incansável, coroado por um reconhecimento caloroso. A Sra. Remington já não fazia parte de suas vidas; ela não sobreviveu por muito tempo à tragédia que sua crueldade insensível e seu egoísmo haviam desencadeado. Marozia e seu pai viviam, então, sozinhos na Villa; ela era sua constante colaboradora no trabalho, além de sua companheira nos momentos de lazer e estudo. Suas vidas eram marcadas por uma paz serena e amizades encantadoras, e a Villa tornou-se um ponto de encontro para personalidades do meio literário. Os brilhantes salões que ali se realizavam com frequência tinham um caráter bem distinto das festividades de outros tempos, quando a Sra. Remington ditava as regras da vida social. Ralph Remington e sua filha reuniam em torno de si um círculo de mentes notáveis, cuja cultura transcendia o mero intelecto — um ambiente em que a inteligência servia aos propósitos mais elevados do espírito. Naqueles dias tranquilos, a vida tinha um significado profundo: tratava-se de servir à Humanidade por meio da união entre a Mente e o Coração — o intelecto e a devoção. Não era o ideal de serviço de um asceta, mas sim o de um observador esclarecido, que reconhece e utiliza todas as suas faculdades, desenvolvidas até o seu mais alto grau de eficiência.

. . . . .

Era o dia do casamento de Marozia — um daqueles dias encantadores que surgem no final do outono, seduzindo com suas promessas suaves. A cerimônia havia terminado, quase todos os convidados tinham partido, e a Sra. Morton ajudava sua jovem amiga a trocar o vestido de noiva por uma roupa de viagem. A lua de mel seria passada nas montanhas Catskill.

— “Eu só queria você para esta última hora!”, sussurrou Marozia, enquanto era envolvida pelos braços da amiga.

— “Querida, acredito que esta seja a hora mais feliz da minha vida”, respondeu a Sra. Morton com um sorriso radiante. — “Existem tão poucos casamentos ideais neste mundo tão caótico e este é um deles. Quando vi o Sr. Arlington pela primeira vez, senti que ele era, entre todos, a pessoa certa para você.”

Um brilho maravilhoso iluminou o rosto doce de Marozia.

— “Para mim, ele é o único homem”, respondeu ela suavemente. “Minha felicidade vai além das palavras. Tenho quase medo dela.”

— “Não precisa ter, querida. Tudo depende de como encaramos a nossa alegria. Se a compreendermos como parte do grande plano cósmico — nosso amor como parte do Amor Infinito —, não estaremos em terreno incerto. O belo amor humano é uma parte necessária desse plano; assim como a alegria pura, a felicidade de amar.”

O rosto da Sra. Morton estava seráfico naquele momento, e Marozia desejava expressar o anseio que trazia no coração, mas conteve-se por delicadeza. Sua intuição há muito havia decifrado o segredo da vida de seu pai e da Sra. Morton; em sua alegria recém-descoberta, ela desejava que as pessoas que lhe eram mais queridas também conhecessem a mesma doce bem-aventurança. Com seu tato delicado, ela mencionou a vida solitária do pai — e o receio que sentia de deixá-lo sozinho. A Sra. Morton mostrou-se profundamente compreensiva e, à sua maneira inimitável, buscou amenizar a terna preocupação de Marozia.

— “É possível que seu pai venha morar em Utica, agora que seu lar será lá. Mas, querida” — acrescentou ela prontamente —, “mesmo que ele não venha,

não se entristeça. Você sabe que seu pai possui, dentro de si, recursos para encontrar toda a felicidade e contentamento. Nesse aspecto, ele é mais rico do que a maioria de nós."

— "Sim, mas a senhora conhece a minha velha impaciência quando penso nele e na vida que lhe foi negada! Quero que ele tenha o que há de melhor!"

— "Ele já tem o que há de melhor", respondeu a Sra. Morton suavemente, enquanto lhe dava um último abraço e a conduzia escada abaixo, ao encontro de seu marido.

Após as últimas despedidas, e depois que o trem — que levava o jovem e feliz casal para sua lua de mel nas montanhas — partiu, afastando-se ruidosamente, a Sra. Morton e Ralph Remington caminharam de volta em direção ao riacho sinuoso. Enquanto passeavam por suas margens arborizadas, um esquilo — talvez um tanto distraído ou imprudente — cruzava o caminho de vez em quando, carregando uma noz. Ecos do machado de um lenhador reverberavam entre as colinas, alternando-se com aqueles sons misteriosos — ruídos leves e estalidos que surgem em uma floresta durante o mês de outubro. Uma fumaça azulada subia lentamente por entre as clareiras, e uma névoa suave, típica do veranico de outono, pairava sobre os vales. Eles descansaram por alguns instantes sobre uma enorme rocha próxima ao riacho e, com olhares atentos, contemplaram a paisagem serena. As árvores imponentes balançavam suavemente sua profusão de beleza carmesim e dourada — tudo o que restava após a generosa chuva de folhas sobre o solo acastanhado. Era o encanto rico da maturidade, e eles sentiam sua comoção divina.

— "É belo viver — viver de verdade!", disse ele, em tom reflexivo, como se pensasse em voz alta. Só Deus conhece as correlações infinitas do nosso ser. Talvez, em um estado futuro, quando nosso pequeno Planeta e suas lutas forem considerados de importância não maior do que a que hoje atribuímos à

erupção vulcânica que soterrou Pompeia, descobriremos que todos os nossos belos sonhos e visões não passam de teias de aranha delicadamente tecidas. Ao observarem, de outros planos, a nossa pantomima humana, seres sublimes talvez nos vejam como criaturas facilmente satisfeitas — tal qual uma criança com seus brinquedos —, enquanto sorriem com compaixão divina!". Ele mergulhara, por um instante, em suas reflexões peculiares — algo que fazia com frequência quando estava com Marozia. Era um sinal da perfeita camaradagem entre eles; era como se ele falasse com a sua própria alma. Ela respondeu no mesmo tom:

— "Ainda assim, nossos brinquedos são compatíveis com o nosso estágio de desenvolvimento infantil."

Ao voltar seus olhos radiantes para o rosto dele, ela revelou — e ele pôde ver e sentir — a glória de sua feminilidade plena, como nunca antes. As ilusões da juventude, com seus ideais rudimentares e vagos, haviam se dissipado; agora, porém, a imagem plena e perfeita do amor surgia com contornos claros e definidos. Ambos reconheciam o seu encanto e o seu poder, mas já haviam avançado longe demais no Caminho da Realização para retroceder à esfera da Personalidade. Amavam-se como os Anjos amam.

Houve um momento em que ele hesitou, ao contemplar os olhos luminosos dela. Sentiu o desejo, inerente ao homem, de tomá-la em seus braços e saciar sua alma sedenta com a riqueza plena de seu amor glorioso. Foi apenas um instante de luta — logo, o amor transcendeu as limitações estreitas e fundiu-se ao Amor Infinito.

— "Amada de minha alma", sussurrou ele, "devemos retornar ao que é transitório e mutável, ou manteremos nosso amor perfeito na 'grande luz divina'?".

— “Manteremos isso nos planos mais elevados”, respondeu ela, com um leve tremor em sua voz doce.

— “Que Deus a abençoe, meu amor!”, exclamou ele, profundamente emocionado. “Seremos fiéis ao nosso ideal — fiéis à nossa visão — e, assim, conheceremos a plenitude da bem-aventurança do amor! Transcendendo o plano físico, ele manterá nossas almas unidas por um laço indissolúvel.”. Ao notar o brilho solene no rosto dela, ele se perguntou se a juventude da vida poderia conter tanto — mesmo tratando-se dela.

As dissonâncias da vida haviam, de fato, se resolvido na harmonia de um grandioso contraponto existencial. Suas tristezas foram glorificadas; os lampejos de suas tempestades não passavam de um brilho elétrico — pois o amor, o amor verdadeiro, o mais elevado e grandioso, glorifica todas as coisas.

FIM